



1.27 • Conjuntura Internacional

A importância do fator “língua” nas exportações portuguesas

**Maria João Ferro
Sandra Ribeiro**

A COMUNICAÇÃO desempenha um papel preponderante no relacionamento entre os parceiros comerciais, particularmente no contexto globalizado do mundo em que vivemos. Embora seja hoje mais fácil o estabelecimento de parcerias entre empresas sediadas em países muito distantes, graças aos enormes avanços a que temos vindo a assistir nas últimas três décadas em termos das tecnologias da informação e da comunicação, a realidade é que a língua ainda constitui uma barreira ao comércio internacional, impondo muitas vezes custos acrescidos às trocas comerciais. No entanto, se o facto de os parceiros comerciais falarem uma língua diferente afeta negativamente a relação, o contrário, isto é, dominarem a mesma língua constitui uma vantagem que deve ser aproveitada.

A língua e o comércio internacional

Os estudos sobre a economia da língua iniciados na década de 1960 (Marschak, 1965) têm vindo a focar, entre outros temas, a influência da língua falada pelos parceiros comerciais no estabelecimento e na manutenção de relações profícuas entre eles, verificando-se que a partilha de uma mesma língua-mãe será a melhor situação possível em termos da comunicação entre dois parceiros comerciais em contexto internacional.

A utilização de uma língua estrangeira para ambos os parceiros pode introduzir ruído na comunicação, quer devido a mal-entendidos por deficiente conhecimento linguístico, quer introduzidos pelos intermediários contratados.

No entanto, não é só a partilha da língua materna que atua como facilitador das relações comerciais, a partilha de uma língua semelhante (que concretamente pode possibilitar o fenómeno de intercomunicação) e a partilha de uma língua estrangeira comum (cuja aprendizagem pode ser promovida pelas políticas linguísticas de ambos os países em causa) facilitam também a comunicação entre ambos os parceiros.

Partindo destas três possibilidades de atuação da língua como elemento facilitador da comunicação e, logo, promotor das relações comerciais a saber, a mesma língua-mãe partilhada, uma língua semelhante ou a mesma língua estrangeira aprendida analisámos as exportações portuguesas relativas a 2013 para avaliar a influência do fator “língua” nas mesmas.

As exportações portuguesas analisadas à luz do fator “língua”

Com base no enquadramento teórico do modelo gravitacional e com o objetivo de analisar o volume de exportações de Portugal, utilizámos dados do comércio internacional de 2014, correspondentes a dados reais de 2013. Analisámos as ex-

portações portuguesas com os seus noventa e oito principais parceiros comerciais, considerando os países com os quais o volume de exportações foi, em 2013, superior a dez mil milhares de euros.

“
Na economia globalizada dos dias de hoje, o fator “língua” é incontornável na relação que se estabelece entre parceiros comerciais de países distintos.
”

Utilizámos o modelo de regressão linear múltipla do modelo gravitacional, por já ter dado, nas últimas décadas, amplas provas da sua utilidade para a análise do comércio internacional, sendo um modelo com robustez empírica e poder explicativo (Kepaptsoglou, Karlaftis & Tsamboulas, 2010). O método dos mínimos quadrados ordinários (MQO) é a técnica econométrica mais utilizada para realizar a estimação dos coeficientes da especificação do modelo gravitacional na sua forma *log-log*. Por conseguinte, o presente estudo utiliza o MQO, considerando a variável explicada

como uma variável económica que traduz o logaritmo do volume de exportação entre Portugal e um parceiro comercial.

As variáveis utilizadas nas regressões que efetuámos são de diversos tipos:

- económicas: tais como o volume de exportações entre Portugal e um parceiro comercial, o produto interno bruto (PIB) real e o facto de o parceiro comercial pertencer ou não à União Europeia (UE);
- linguísticas: concretamente o grupo linguístico a que a língua oficial do país pertence;
- geográficas: no caso, a distância entre Portugal e um parceiro comercial.

Os dados referentes ao volume de exportações foram obtidos através das estatísticas do comércio internacional publicadas pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) e os dados referentes ao PIB real de diferentes países foram obtidos a partir do sítio *Web* oficial do Banco Mundial.

Para aferirmos o impacto da língua no nível de exportações portuguesas, organizámos os países/dados consoante a família linguística a que pertence a sua língua oficial. De acordo com um estudo que efetuámos recentemente (Ferro e Ribeiro, 2016), propomos uma abordagem tripla para a influência da língua no comércio externo português. Os critérios subjacentes à nossa classificação foram:

ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO ENTRE PARCEIROS COMERCIAIS EM FUNÇÃO DA LÍNGUA

Perante a necessidade de comunicar entre si, dois parceiros comerciais podem adotar uma de cinco estratégias:

1. Partilhar a mesma língua-mãe e, logo, usá-la para comunicar (este é o caso da comunicação estabelecida entre Portugal e qualquer país de expressão portuguesa);
2. Empregar a intercomunicação, ou seja, a capacidade de cada um se exprimir na sua língua e ser entendido pelo outro (fenómeno característico dos países escandinavos, mas também possível entre portugueses e espanhóis, por exemplo);
3. Escolher uma das duas línguas, desde que o parceiro a domine;
4. Eleger uma língua estrangeira para ambos, geralmente uma língua franca no seu setor de atividade ou região geográfica (esta língua franca pode ser o inglês um pouco por todo o globo ou línguas com uma forte expansão regional, como o suaíli em certas partes de África); ou
5. Contratar os serviços de um intermediário (por exemplo, um profissional da língua, como um tradutor ou um intérprete).

O PRINCÍPIO ATIVO/PASSIVO

O Banco de Portugal adotou, em outubro de 2014, o princípio ativo/passivo como metodologia *standard* de apuramento dos dados de investimento direto de Portugal com o exterior, de acordo com as orientações emanadas da sexta edição do *Manual da Balança de Pagamentos e da Posição Internacional* (BPM6), do Fundo Monetário Internacional (FMI), passando o anterior princípio direcional (IDE/ IPE) a ser divulgado como informação complementar ao primeiro.

Segundo o BP, para efeitos de análise, as estatísticas baseadas no princípio direcional, apresentam, na perspetiva do utilizador, uma maior riqueza informativa para a identificação dos países que estão a investir em Portugal, e vice-versa, assim como das atividades económicas que estão a atrair investimento. Por seu lado, as estatísticas apuradas no âmbito do princípio ativo/passivo são alinhadas com as restantes categorias funcionais do investimento no contexto das estatísticas da balança de pagamentos e da posição de investimento internacional, assim como das contas nacionais. Logo, são mais indicadas para análises macroeconómicas e comparação internacional entre países.

De referir, em qualquer dos princípios, que os valores dos fluxos de são apurados numa base líquida.

- (i) linguísticos: as línguas foram classificadas de acordo com um princípio etimológico, com base na família linguística a que pertencem;
- (ii) semelhança entre línguas: dado que o português é uma língua românica, optámos por incluir as línguas pertencentes a esta família na nossa análise, dando assim conta da semelhança existente entre os membros de uma mesma família linguística;
- (iii) línguas estrangeiras: a língua estrangeira mais comumente estudada em Portugal é atualmente o inglês, uma língua germânica, seguida de duas línguas românicas (francês e espanhol), por sua vez seguidas por outra língua germânica, o alemão (Comissão Europeia, 2012; Eurostat, 2015), o que nos levou a incluir na nossa análise também as línguas germânicas.

Tendo verificado que o peso das restantes línguas nas exportações portuguesas seria negligenciável, optámos por simplificar a classificação, criando o grupo “outras” que inclui todos os outros grupos linguísticos.

Assim, concluímos que as proximidades física, linguística e comercial, existentes entre Portugal e um determinado parceiro comercial são explicativas do volume de exportações realizado. O quadro apresentado resume todas as análises realizadas.

Variáveis	Efeito	Impacto % no volume de exportações (por variação 1% variável)
Distância	Negativo	-1,32
PIB	Positivo	0,548
Pertencer à UE	Positivo	0,836
Língua românica	Positivo	1,17
Língua germânica	Positivo	0,64
Outros grupos linguísticos	Negativo	-0,64

Impacto das variáveis analisadas nas exportações portuguesas

O MODELO GRAVITACIONAL

O modelo gravitacional é o modelo mais utilizado na análise das relações comerciais internacionais, constituindo um instrumento econométrico fundamental para o estudo do comércio internacional.

Este modelo é utilizado desde os anos 1960, tendo sido formulado por Tinbergen (1962) com o objetivo de analisar as trocas comerciais internacionais. Dada a sua simplicidade e utilidade, foi sendo melhorado e aumentado com diversas variáveis que pretendem explicar os fluxos comerciais bilaterais.

O modelo inicial considera que as exportações entre dois países estão positivamente relacionadas com a dimensão das suas economias e negativamente relacionadas com fatores que indicam a existência de barreiras ao comércio, sendo o mais importante a distância entre os dois países.

O modelo gravitacional relaciona o volume de exportações entre dois países T_{ij} com “a massa” económica dos dois países, medida pelo produto do PIB do exportador e do importador ($PIB_i PIB_j$) e pelos custos do comércio entre eles, representados pela distância entre ambos, D_{ij} (modelos (1) e (2)), onde i e j representam os parceiros comerciais.

Assim, o modelo inicial era representado pelos seguintes modelos:

$$T_{ij} = f \left[\frac{(PIB_i \cdot PIB_j)}{D_{ij}} \right] \quad (1)$$

$$T_{ij} = \beta_0 (PIB_i \cdot PIB_j)^{\beta_1} \cdot D_{ij}^{\beta_2} \cdot e^{\epsilon} \quad (2)$$

Este modelo inicial foi sendo aumentado não só para considerar novas variáveis na explicação do volume de comércio, mas também para testar a influência de novas situações. Assim, foram incluídas variáveis binárias para medir “fatores qualitativos”, designadas por variáveis *dummy* e que assumem o valor 1 quando se verifica o fator/situação ou 0 em caso contrário.

Assim, ao modelo inicial, que considerava as variáveis básicas – PIB e distância – foram sendo acrescentadas outras variáveis, tais como, entre outras: população, PIB per capita, área do país, grandeza económica do país e do conjunto de países, semelhança cultural, língua, pertença ao mesmo bloco comercial, relação colonial.

O impacto de todas as variáveis explicativas consideradas no modelo foi analisado considerando os seguintes indicadores: (i) teste de significância global (teste F); (ii) teste de significância individual (teste t), considerando, em ambos, um nível de significância de 5%, e (iii) coeficiente de determinação (R^2). Para todas as variáveis apresentadas no quadro os resultados obtidos revelam grande capacidade explicativa das mesmas.

O ‘custo’ da língua

Na economia globalizada dos dias de hoje, o fator “língua” é incontornável na relação que se estabelece entre parceiros comerciais de países distintos, sendo, portanto, um elemento fundamental a considerar nas análises do comércio internacional. As barreiras linguísticas podem impor custos significativos às transações comerciais, mas a semelhança linguística, pelo contrário, pode facilitar esses contactos e virtualmente eliminar os custos associados.

A investigação realizada conclui que o facto de um país pertencer à UE tem um impacto positivo no volume das exportações portuguesas para esse destino, não só devido à importância de pertença a um mesmo bloco económico, mas também pela questão da relativa proximidade física que se verifica entre todos os estados-membros da UE. De facto, pudemos verificar também que o aumento da distância tem um efeito negativo no volume de exportação, fazendo-o diminuir em 1,31% por cada aumento de 1% no número de quilómetros que separam ambos os países (contabilizando a distância entre capitais). Estas conclusões são consentâneas com o modelo gravitacional e estão já amplamente estudadas e comprovadas para diversos cenários económicos. A novidade da presente investigação, concretamente para o caso português, foi comprovar a

existência de uma relação direta entre o volume das exportações portuguesas e o facto de o país de destino ter uma língua oficial românica. Uma vez que este também é o grupo linguístico em que se insere o português, este resultado era esperado, dado que, quando os países partilham a mesma língua ou uma língua muito próxima, a barreira linguística é esbatida ou apagada e, consequentemente, os custos da transação tendem a ser menores.

Em nosso entender, o fator “língua” não está a ser suficientemente explorado pelas empresas portuguesas. O comércio com os países que compõem a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) ou com os que integram o Mercado Comum do Sul (Mercosul), por exemplo, podia ser expandido com base na proximidade linguística que existe entre os países.

Por outro lado, a importância das políticas linguísticas e a influência que estas terão na formação de gerações futuras de empreendedores não está também suficientemente disseminada entre a população. Apesar do enfoque atual na aprendizagem do inglês, que constitui, sem dúvida, uma mais-valia para as gerações vindouras (e cujo resultado já está patente hoje em dia), Portugal não é um país onde o multilinguismo seja ativamente promovido e os conhecimentos de uma segunda língua em Portugal resumem-se, em larga medida, ao inglês, ao francês e ao espanhol. ■

Referências

COMISSÃO EUROPEIA (2012). Europeans and their languages. *Special Eurobarometer*, 386. Directorate-General for Communication. Disponível em http://ec.europa.eu/public_opinion/archives/ebs/ebs_386_en.pdf.

EUROSTAT (2015). *News release*, 164/2015. Eurostat Press Office. [25/03/2016]. Disponível em <http://ec.europa.eu/eurostat/documents/2995521/7008563/3-24092015-AP-EN.pdf>.

Ferro, M. J. & Ribeiro, S. (2016). The role of language in international trade: How does language affect the choice of foreign trading partners? Comunicação apresentada no *Congresso Internacional sobre Interdisciplinaridade nas Ciências Sociais e Humanas*, Faro, (5-6 de maio).

Keapatsoglou, K.; Karlaftis, M. G. & Tsamboulas, D. (2010). The gravity model specification for modeling international trade flows and free trade agreement effects: a 10-year review of empirical studies. *The Open Economics Journal*, 3, pp. 1-13.

Marschak, J. (1965). The Economics of Language. *Behavioral Science*, 10:2, pp. 135-140.

Tinbergen, J. (1962). *Shaping the world economy: Suggestions for an international economic policy*. Nova Iorque: The Twentieth Century Fund.